

REDES EDUCATIVAS: O DIÁLOGO ENTRE ARTES PLÁSTICAS E MEIO AMBIENTE – UMA RELEITURA DA OBRA LIXO EXTRAORDINÁRIO

Mirian Maia do Amaral*

Resumo

O crescimento da competitividade e o consumismo exacerbado têm contribuído fortemente para o aumento do lixo produzido com impactos negativos no meio ambiente, o que exige dos governos e organizações a busca de alternativas que possam reduzir ou solucionar esses problemas. A partir do documentário Lixo Extraordinário, a autora dialoga com as artes plásticas e o meio ambiente, aproximando o *dentrofora*¹ da escola, *tendo em vista* ressaltar a importância da reciclagem de materiais para o desenvolvimento do país e para a melhoria da qualidade de vida da sociedade em geral.

Palavras-chave: Redes educativas. Artes plásticas. Meio ambiente. Reciclagem de materiais.

Abstract

The competitiveness and exacerbate consumption growth have strongly contributed to the increase of the garbage produced with negative impacts on the environment, which requires governments and organizations to search for alternatives that may reduce or solve these problems. From the documentary Waste Land, this paper dialogues with visual arts and the environment, bringing closer the school *inside-outside*², in order to highlight the importance of materials recycling for the country's development and to improve the general society quality of life.

Keywords: Educational networks. Visual arts. Environment. Materials recycling.

*Doutora em Educação e Mestre em Educação e Cultura Contemporânea pela Universidade Estácio de Sá. Pedagoga e especialista em Administração e em Recursos Humanos. Professora de Metodologia Científica do Programa FGV Management – Fundação Getúlio Vargas. Pesquisadora do Grupo de Pesquisa Docência e Cibercultura do Programa de Pós-graduação em Educação da Universidade do Estado do Rio de Janeiro (UERJ).
E-mail: amaral3378@gmail.com

Recebido para publicação em:
17.12.2014

Aprovado em: 05.02.2015

Resumen

El crecimiento de la competitividad y el consumismo exacerbado han contribuido fuertemente al aumento de la basura producida con impactos negativos sobre el medio ambiente, lo que exige de los gobiernos y organizaciones la búsqueda de alternativas que puedan reducir o solucionar esos problemas. A partir del documental Basura Extraordinaria (Waste Land), este artículo dialoga con las artes plásticas y el medio ambiente, acercando el *dentrofuera*³ de la escuela, con el fin de resaltar la importancia del reciclaje de materiales para el desarrollo del país y para la mejora de la calidad de vida de la sociedad en general.

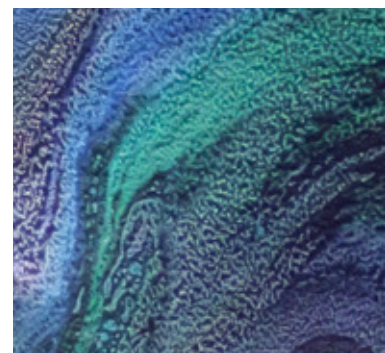
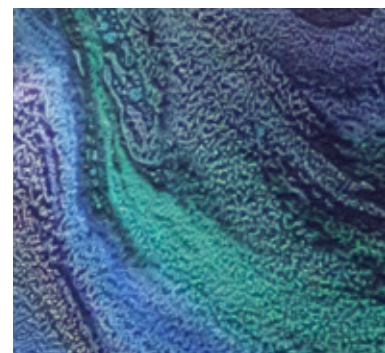
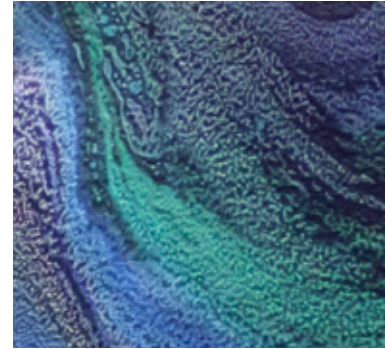
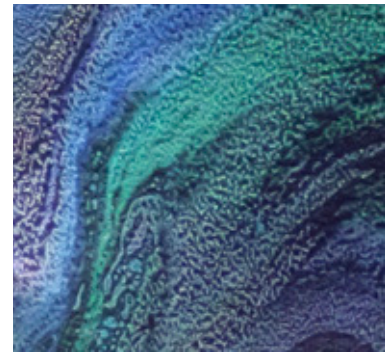
Palabras clave: Redes educativas. Artes plásticas. Medio ambiente. Reciclaje de materiales

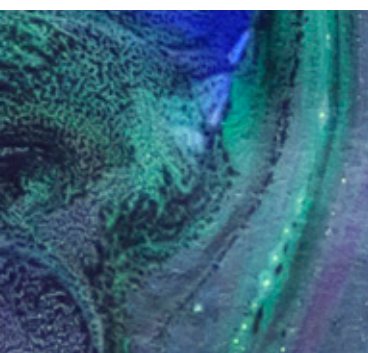
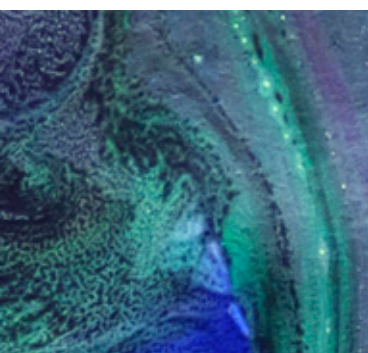
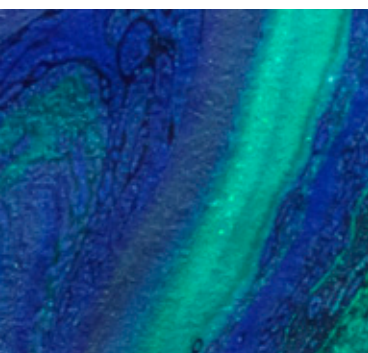
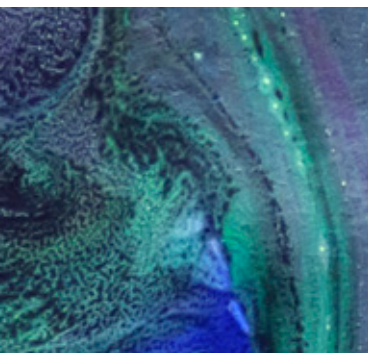
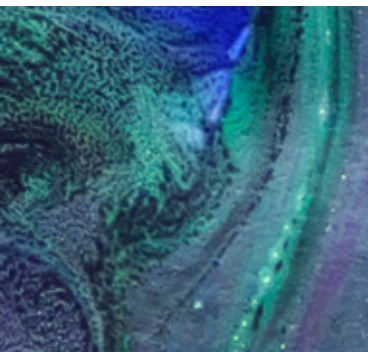
Introdução

O crescimento dos mercados globais e o surgimento de novas tecnologias da informação têm alterado o cotidiano das empresas, exigindo-lhes maior atenção ao planejamento, integração de suas operações em geral e o desenvolvimento de estruturas organizacionais que respondam com rapidez e flexibilidade às exigências contemporâneas. Nesse contexto, novos conceitos e ferramentas logísticas vêm deslocando o foco anteriormente dado à obtenção de vantagem competitiva em embalagem, redução dos custos de matéria-prima e criação de novos produtos, para a necessidade premente de gerenciamento do fluxo reverso de produtos e materiais, evitando, dessa forma, a exploração desordenada dos recursos naturais e seu esgotamento, bem como o consumo e desperdício excessivos de materiais, o que vai de encontro aos princípios que fundam o desenvolvimento sustentável.

O volume de negócios em escala mundial e a imensa quantidade de produtos transportados diariamente aumentam o lixo de materiais que precisam ser mandados de volta à sua origem. Isso demanda um tratamento adequado do tráfego de produtos no sentido contrário ao fluxo normal da cadeia de produção; ou seja, dos consumidores para as indústrias, com vistas à maior eficiência e eficácia dessas operações. Com efeito, materiais produzidos pelas grandes indústrias sem um tratamento adequado acabam contribuindo para a má qualidade desse lixo, à medida que alguns de seus excedentes levam anos para se degradar, o que resulta no acúmulo de lixões, causando impactos negativos ao meio ambiente.

De acordo com Scanavaca Júnior (2012), anualmente, 230 mil toneladas de lixo, em média, são geradas no Brasil, sendo 59% desse lixo orgânico ou úmido. Apesar de o Brasil contar com aproximadamente 600 cooperativas recicladoras, apenas 13% dessa produção é reciclada, o que representa um prejuízo de 10 bilhões de dólares por ano.



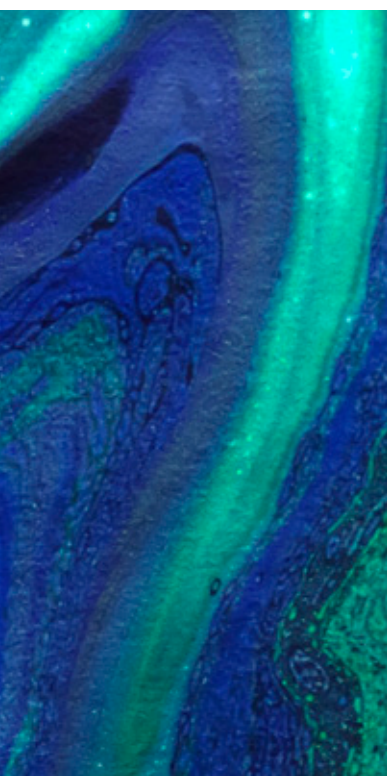
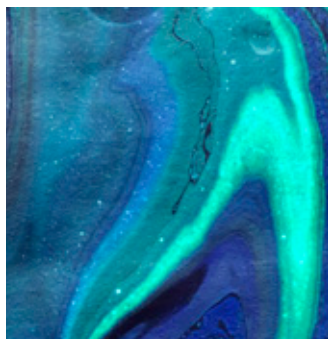


Diante esse quadro, a legislação sobre o lixo gerado, no país, nunca esteve tão em evidência quanto nos últimos anos, desafiando e estimulando as organizações a reciclarem, reaproveitarem e descartarem esses resíduos sólidos, a fim de reduzirem os impactos ao meio ambiente, em atendimento às demandas da sociedade atual, sem comprometer as gerações futuras. Assim, em 23 de dezembro de 2010, o Decreto nº 7.404 da Presidência da República, que regulamentou a Lei nº 12.305, de 2 de agosto de 2010, instituindo a Política Nacional de Resíduos Sólidos (PNRS) e criando o Comitê Interministerial da Política Nacional de Resíduos Sólidos e o Comitê Orientador para a Implantação dos Sistemas de Logística Reversa, definiu, em seu Artigo nº 54, o fechamento de todos os lixões a céu aberto, presentes em quase todos os municípios brasileiros. Também proibiu a inserção de qualquer tipo de resíduo passivo de reciclagem ou reutilização em aterros sanitários (BRASIL, 2010). Nesse contexto emerge a Logística Reversa⁴, seja pelo fato de possibilitar um melhor aproveitamento desses resíduos, mediante responsabilidade compartilhada, com geração de emprego e renda, seja por sua contribuição para a preservação do ecossistema ambiental.

Esse cenário de preocupação com a geração de lixo e a consequente degradação ambiental e social, causada pela má destinação final do produto, exige que essas questões sejam amplamente discutidas nas diferentes redes educativas. Considerando que a aprendizagem se desenvolve ao longo de nossas vidas, nosso modo de agir e o conteúdo dessas ações cotidianas são plurais, dinâmicos e provisórios, caracterizando-se pela diferenciação e pela complexidade, dado o emaranhado de ações, interações e reações que se estabelecem em todas as áreas das atividades humanas. Nessa perspectiva, a abordagem curricular exige que se extrapolem modelos de investigação e análise herdados da ciência moderna e que, na atualidade, de forma crescente, constituem limites para lidar com a diversidade, o diferente e o heterogêneo, na tessitura do conhecimento.

Como parte do Programa Cultura é Currículo⁵, que integra um conjunto de ações definido pela Secretaria da Educação do Estado de São Paulo para concretização da sua política educacional, o documentário de 2009 dirigido por Lucy Walker, Lixo Extraordinário, foi selecionado para ser exibido nas escolas paulistas, tendo em vista aprimorar o ensino oferecido nessa rede pública estadual, com três objetivos específicos: (a) democratizar o acesso de professores e alunos da rede a equipamentos, bens e produções que constituem patrimônio cultural da sociedade, tendo em vista uma formação plural e a inserção social; (b) fortalecer o ensino, por meio de novas formas e possibilidades de desenvolvimento dos conteúdos curriculares, em articulação com produções socioculturais e fenômenos naturais, diversificando-se as situações de aprendizagem; e (c) desenvolver a aprendizagem, por meio de interações significativas do aluno com o objeto de estudo/conhecimento de disciplinas, reforçando-se o caráter investigativo da experiência curricular.

mos e reproduzimos nos cotidianos escolares, afirma Alves (2008), contribuindo para um projeto de educação mais amplo. Assim, é impossível desvincular esses currículos do cenário sociotécnico contemporâneo, sob o risco de se criar um fosso entre processos culturais e de aprendizagem, dado que articular conhecimentos, habilidades, valores, atitudes, funcionalidade e significação constitui uma aprendizagem formadora, “num espaço-tempo que oferece a cada um a oportunidade de uma presença para si e para a situação, por meio da mobilização de uma pluralidade de registros” (JOSSO, 2004, p. 39).



Certeau (1996) aponta a necessidade de se valorizar as redes locais tecidas por inúmeros e complexos caminhos, operadas por pessoas comuns no seu dia a dia. As formas como as pessoas se relacionam *dentrofora* dessas redes assume um caráter político, na medida em que possibilitam a articulação de valores, de éticas e de estéticas diversificadas, funcionando como campo de lutas políticas, uma estratégia para fugir da imposição dos modelos hegemônicos, inventando outros modos de fazer e viver, por apostar nas práticas como ação de ordem política.

O Aterro de Jardim Gramacho, no Rio de Janeiro, protagonizou um dos mais belos exemplos de rede educativa, na qual histórias de vida, tensões e incongruências se misturam no cotidiano das atividades ali desenvolvidas. Questionamentos sobre como empreender ações significativas para aquelas pessoas, em uma perspectiva estética e política, e sobre como estabelecer o contato com esses sujeitos, tendo em vista envolvê-los nessas ações, levaram Vik Muniz a idealizar, por meio da arte, transformações na maneira de viver dos catadores de lixo desse aterro – um dos maiores do mundo, de onde se retiravam (antes da implementação da PNRS), em média, 200 toneladas, por dia, de materiais recicláveis.

Já no início do filme, o espectador toma conhecimento de que, antes de trabalhar nos Estados Unidos, onde veio a ter sucesso com suas obras artísticas e reconhecimento público, Vik morou em um bairro de classe média baixa em São Paulo, o que parece ter aguçado seu olhar e sua sensibilidade na busca de maior dignidade para aquelas pessoas. Por mostrar a fragilidade do poder público e das políticas sociais implementadas nos diferentes governos, bem como a falta de conscientização da população em relação à coleta seletiva de lixo, Vik adota uma atitude política. A riqueza e ousadia das imagens e, em especial, os conteúdos e valores que delas emergem sem retoques prendem a atenção do público, a partir da realidade dos trabalhadores locais, que vivem em condições críticas de pobreza e saneamento, deixando expostas a questão cultural, a desigualdade social, além da problemática ambiental referente à disposição de resíduos sólidos.

Como afirma Benjamim (apud DIDI-HUBERMAN, 2011, p. 117), “a imagem dialética é uma bola de fogo que transpõe todo o horizonte do passado”, constituindo o primeiro operador político de protesto, de crítica ou de emancipação; algo “capaz de transpor o horizonte das construções tota-

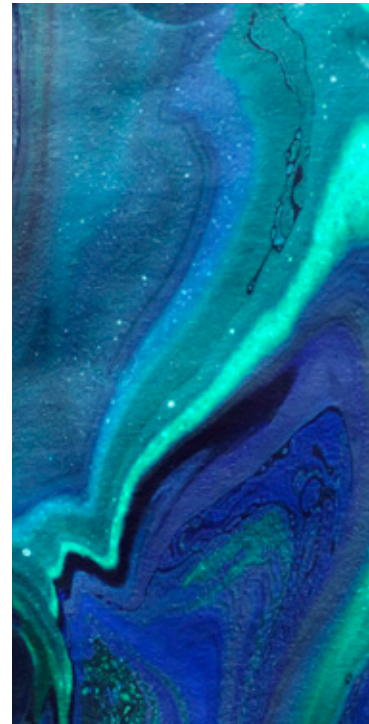
litárias” (BENJAMIM apud DIDI-HUBERMAN, 2011, p. 118). Para o autor, ainda que ofuscados pelas luzes da sociedade do espetáculo – ao mesmo tempo sedutora e devastadora de almas, valores, esperanças e sonhos, “os vagalumes” (minorias) sobrevivem e resistem, desafiando poderes instituídos – às vezes de forma silenciosa, às vezes ruidosamente, marcando seus espaços, ou se locomovendo de forma errante. Fazem-se ouvir, mesmo que seus gritos sejam inaudíveis para muitos.

O contato com essa realidade exige que Vik se abra para o novo que se instaura naquele ambiente – “dominado pelo tráfico, rodeado de indústrias de reciclagem, habitado por indivíduos excluídos da sociedade”. Exige, ainda, que escute as diferentes vozes presentes nessa ciranda e sua própria voz; dialogue, ensine e aprenda; construa e desconstrua, provoque, acolha e respeite; enfim, participe de uma rede de colaboração, que emerge no pequeno grupo, face a face, olho no olho, e na grande conversa. Como afirma Freire (1999, p.136):

É preciso que saibamos que sem certas qualidades e virtudes como a amorosidade, respeito aos outros, tolerância, humildade, gosto pela alegria, gosto pela vida, abertura para o novo, disponibilidade à mudança, persistência na luta, recusa aos fatalismos, identificação com a esperança, abertura à justiça, não é possível a prática pedagógico-progressista, que não se faz apenas com ciência e técnica.

O aterro de Jardim Gramacho constitui um espaço pleno de narrativas imagéticas, supostamente indicadoras da realidade que apontam, desafiam o previsto e o codificado, de modo surpreendente, razão pela qual os autores do documentário querem verificar o que é importante para aquelas pessoas, se a arte pode modificá-las, se essa transformação se concretiza efetivamente e como isso pode ser feito. Assim, a iconografia vai sendo construída a partir da interação artista/catadores. Esse tipo de abordagem demanda de Vik: capacidade de associar aquilo que vê, lê e ouve ao que já lhe é conhecido e aprendido; o entrelace dos múltiplos relatos; perguntas mais que respostas, e a construção de uma rede de comunicação que leva em conta a pertinência do que é arte. Como ressalta Didi-Huberman (2011, p. 117), a imagem não existe sem imaginação. Dependendo de como as captamos, somos transportados para outros horizontes e memórias evocadas nos fazem narrar esse olhar, não para transcrevê-lo, mas para constituí-lo, abrindo-se, dessa forma, um leque de possibilidades. Diante delas, o passado e/ou o presente se reconfigura(m), dado que as narrativas não buscam um tempo homogêneo e vazio, mas um tempo saturado de agoras.

Nessa perspectiva, a partir de seu envolvimento com os catadores e suas dramáticas histórias de vida, Vik vai compreendendo o que há de humano presente naquela realidade. Para Larrosa Bondía (2002), a experiência é tudo que nos passa, ou nos toca, ou nos acontece, formando-nos e nos transformando. Assim, pouco a pouco, o autor vai refazendo sua percepção anterior de que essas pessoas eram mais rudes do que se poderia pensar, e que bastava dar uma olhada na geografia da área, para se constatar que para lá ia tudo o que



não era bom – incluindo-as; ou seja, elas representavam o “estar fora” – o local e suas coisas, a sujeira, o desprezível, o sem valor.

• • • • •
**A vida em sociedade
 não pode ser
 dissociada da vida
 na escola: tudo se
 relaciona e se imbrica**
 • • • • •

No dia a dia dessas relações, Vik convive com o bom humor dos catadores, apesar das tantas adversidades vividas, como a realidade de Zumbi, vítima de um acidente e colecionador de livros que encontra no lixão, que sonha montar uma biblioteca comunitária e dar uma boa educação ao filho; Tião, presidente da Associação dos Catadores do Aterro Metropolitano de Jardim Gramacho (ACAMJG), no Rio de Janeiro, líder local, que inspirado nos textos políticos de Maquiavel, luta por melhores condições de vida dos catadores; Valter, o vice-presidente da Associação, que se preocupa com os prejuízos causados pelo excesso de lixo que chega ao aterro, e com a falta de conscientização das pessoas quanto à necessidade de coleta seletiva nas residências. Isis, a moça que expõe sua fragilidade emocional ao contar sua desilusão amorosa com alguém já comprometido, e que revela sua vontade de mudar de vida e abandonar o aterro. Suelem, de apenas 19 anos, que se orgulha de trabalhar no lixão, de onde retira seu sustento. Essa quase menina, que já é mãe de dois filhos, mora em uma comunidade próxima, em casa de madeira, sem saneamento básico, na qual a higiene e o conforto são precários e a insegurança e o perigo rondam o local, dominado pelo tráfico de drogas e abandonado pelo poder público.

Como se pode observar, a vida em sociedade não pode ser dissociada da vida na escola: tudo se relaciona e se imbrica. Ao optar por produzir arte “com os catadores” e não “sobre os catadores”, Vik rompe com a noção fundante, na ciência moderna, de que a aquisição do conhecimento demanda dividir e classificar para, em seguida, determinar relações sistemáticas entre aquilo que foi dissociado, pondo em xeque a visão monocultural do saber, que elegeu a cientificidade como critério único de verdade, e a universidade e seus intelectuais como os legítimos representantes desse saber, tal como denuncia Santos (2010). Isso pode ser percebido nas falas de Valter, vice-presidente da associação de catadores de lixo, de Tião, seu presidente, e de Lúcio, seu diretor.

Valter: [...] Entendam minha linguagem, porque não tenho estudo primário nem superior. Sou catador há 26 anos e tenho muito orgulho de representar 2.500 catadores. Cada casa gera 1 kg de lixo que, por sua vez, gera 500 g de material reciclável. O lixo de 1.000 residências se transforma em 500 kg de materiais recicláveis que deixam de poluir lagoas e rios, ou de serem trazidos para o aterro, contribuindo, dessa forma, para a preservação da natureza. Tento convencer as pessoas a separar o que é orgânico do que é reciclado. Uma latinha é importante, 99 não são 100 e essa uma vai completar e fazer a diferença.

Tião: Gosto muito de livro. Nietzsche tem uma filosofia maneira. Quando achei, no lixo, o livro “O Príncipe”, de Nicolau Maquiavel, me deu uma neurose de ler. O autor escreve sobre os



príncipes italianos da época. Aquela loucura que parece até o Rio de Janeiro – cada um, com sua gangue, com seu grupo; não importa o que o governante faça para manter sua autoridade.

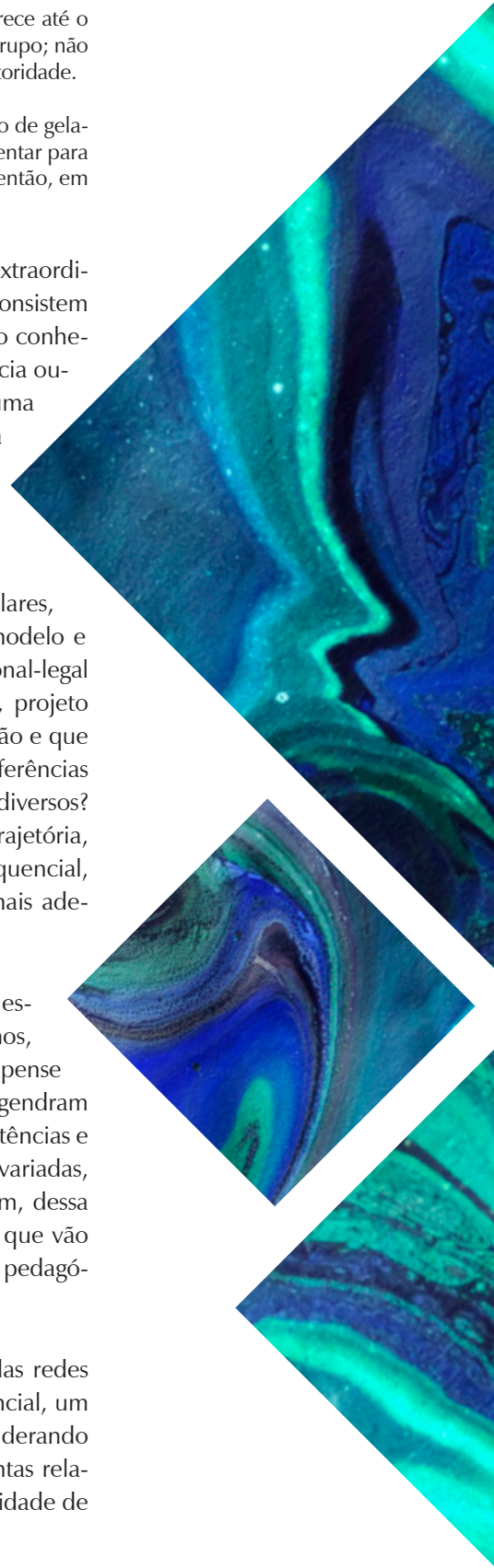
Lúcio: Comparativamente, o aterro é como um prato de gelatina. Se você coloca um peso, ele tende a se movimentar para todos os lados. A metodologia de trabalho consiste, então, em dividi-lo, para não concentrar.

A preocupação com o impacto ambiental, defendida por Valter, é extraordinariamente atual. Na Europa, existem lojas – *science shops*, que consistem em pontos de encontro que estabelecem uma nova relação entre o conhecimento científico e o conhecimento comum, deixando em evidência outras leituras, outros saberes, outras formas de captar a realidade – uma justiça social comprometida com a justiça cognitiva, que aponta para a necessidade urgente de revisão do próprio conhecimento científico sobre a sociedade, que é um conhecimento enviesado, em grande medida.

Porém, como trabalhar essa realidade brasileira nos espaços escolares, se ainda vivemos uma perspectiva de currículo que privilegia o modelo e o sistema elaborado *a priori*, cuja concepção se fecha no institucional-legal (matriz curricular, fragmentação disciplinar, diretrizes curriculares, projeto pedagógico, uniforme, entre outros), voltado para a homogeneização e que descarta tudo o que nele não se enquadre, como pessoas e suas referências culturais e históricas, demandas formativas, interesses e contextos diversos? Como escapar dessa ideia de currículo, que remete à noção de trajetória, movimento programado, pré determinado, normativo, linear, sequencial, constituído por etapas e séries que apontam sempre um modo mais adequado e eficiente de se chegar ao objetivo pretendido?

Alves, Berino e Soares (2012, p. 51) afirmam que nos cotidianos escolares “movimentos minúsculos, microbianos, invisíveis, clandestinos, forjados em meio às práticas cotidianas, levando a que nelas se pense saídas, propostas, outras ações, conhecimentos e significações” engendram e são engendrados pelos professores que, com base em suas competências e experiências de vida, ao fazerem uso do instituído, utilizam táticas variadas, deixando suas digitais impressas em diferentes suportes. Inauguram, dessa forma, os atos de currículo; ou seja, colocam currículos em ação, que vão sofrendo modificações à medida que se aproximam teoria e prática pedagógicas, local e global, ordem e caos, ciberespaço e cidade.

Trabalhar nessa perspectiva requer considerar diferentes e múltiplas redes educativas, o que exige a adoção de uma abordagem multirreferencial, um mergulho nas inúmeras lógicas que presidem a vida cotidiana, considerando a relevância de todos os seus elementos constitutivos, em suas tantas relações e conseqüências, estando, contudo, conscientes da impossibilidade de se tecer generalizações em meio a essa realidade caótica.



Arte como rede educativa

A arte se manifesta em qualquer ambiente, não apenas em museus, teatros, exposições, cinemas, galerias, ou qualquer outro tipo de espaço privilegiado. Também não se destina a um público seletivo; todos dela podem compartilhar, indistintamente, entrar em contato com o que está acontecendo no mundo, independentemente das imagens que tenhamos dele. Diante delas, formas articuladas de pensar causam espanto, surpreendem, mexem com os brios, chocam muitas vezes, e colocam em xeque conceitos, preconceitos, culturas, atitudes e valores. Mais do que apresentar respostas, a arte faz refletir e propor perguntas; foge da racionalidade ilusória do mundo, inventa novos estados e pontos de vista, questiona, rompe paradigmas e agracia com a ambiguidade, em lugar de certezas. Diante dela, vivenciam-se as experiências propostas pelos artistas que colocam o público em contato com a sua criação, o qual estabelece elos e compartilha nas diferentes redes que habita.

Com sua arte, Vik faz uma leitura estético-visual dos elementos que compõem os clichês do lixo urbano, utilizando materiais reciclados na composição de seus quadros e reinventando, dessa forma, o cotidiano desses trabalhadores. Com base em fotos, escolhe as pessoas que vão participar de seus quadros, explicando-lhes que seu objetivo, ao transformar aquelas fotos em imagens criativas, constituídas apenas por resíduos sólidos, selecionados no lixo, é lhes dar condições de modificarem suas vidas. Para isso, conta com a colaboração de todos.

Afinal, em que consiste a reciclagem de materiais? O que se entende por lixo?

Compreender o que é reciclagem impõe “reciclar” o conceito de lixo, que deve ser visto como algo sujo e inútil, de uma forma geral, mas como fonte de riqueza, geradora de benefícios para a economia, para a sociedade e para o meio ambiente. Para Novaes (2007, p. 54), a reciclagem consiste no “processo em que componentes de produtos já usados sofrem transformação de forma que a matéria-prima neles contida possa ser reincorporada à fabricação de novos produtos”. A reciclagem, portanto, é uma atividade de revalorização que extrai

industrialmente os componentes dos produtos que foram descartados, e que são incorporados à fabricação de novos produtos, afirma Leite (2003).

Esse processo pressupõe o cumprimento de três etapas distintas, fundamentais para concretização de qualquer ação ou projeto que se tenha em mente. São elas: (a) *coleta e separação* – em que o material reciclável é coletado e acondicionado, de maneira própria, para ser enviado às indústrias de revalorização, ou de transformação; (b) *revalorização* – o material separado passa por um processo industrial, assumindo características semelhantes às que tinha antes de ser um produto, voltando a ser matéria-prima, e (c) *transformação* – fase em que o material, revalorizado anteriormente, volta a ser um produto. Por isso, é tão importante planejar essa atividade, ou seja, realizar uma pesquisa e uma análise adequada dos resíduos que são gerados na região em que se pretende atuar, a fim de se direcionar as estratégias a serem adotadas.

Reciclar é, pois, economizar energia, poupar recursos naturais e trazer de volta ao ciclo produtivo o que é jogado fora. Dessa forma, essa operação pode ser considerada um avanço tecnológico, pois os produtos são reprocessados e reaproveitados. Ainda que, em alguns casos, o custo desse processamento seja elevado, não há dúvidas de que a reciclagem contribui, sobremaneira, para a preservação do meio ambiente.

No lixão, o saber da prática, narrado de maneira simples, dialoga com essas noções, quando um dos personagens relata que papel, vidro, plástico, metal, entre outros, são selecionados pelos catadores de acordo com as demandas das indústrias, levados aos depósitos (intermediários), tendo em vista separá-los e enviá-los àquelas indústrias para serem granulados e, posteriormente, transformados em novos produtos, por outras indústrias. Dessa forma, deixa evidentes as etapas do processo de reciclagem de materiais.

Vik intervém na realidade social investigada, ao elaborar a dialética da ação em um processo coletivo e único de construção dos quadros, pondo em evidência as práticas sociais, que emergem de diferentes contextos (lixão, comunidade), para além dos muros de seu ateliê (laboratório de imagens). Vivenciar essa experiência requer:

um gesto de interrupção, um gesto que é quase impossível nos tempos que correm: requer parar para pensar, parar para olhar, parar para escutar, pensar mais devagar, olhar mais devagar, e escutar mais devagar; parar para sentir, sentir mais devagar, demorar-se nos detalhes, suspender a opinião, suspender o juízo, suspender a vontade, suspender o automatismo da ação, cultivar a atenção e a delicadeza, abrir os olhos e os ouvidos, falar sobre o que nos acontece, aprender a lentidão,



Não há dúvidas de que a reciclagem contribui, sobremaneira, para a preservação do meio ambiente



escutar aos outros, cultivar a arte do encontro, calar muito, ter paciência e dar-se tempo e espaço (LARROSA BONDÍA, 2002, p. 24).

O envolvimento do artista com os catadores é ressaltado em uma cena na qual, em conversa com seu amigo Fábio e esposa, indaga sobre o que fazer com aquelas pessoas após a conclusão da obra. Como lhes dizer que terão de voltar àquela realidade? Como assumir que não poderá mantê-los fora dali? Esses questionamentos, compartilhados e discutidos, testemunham o compromisso e a implicação do artista com sua arte e com seus propósitos. Isso remete à relação professor e aluno, no que se refere ao processo de aprendizagem nos diferentes espaços-tempos dos cotidianos escolares; o que exige a adoção de metodologias que se alinhem aos princípios de colaboração, dialogicidade e interatividade, para que, a exemplo de Vik, os professores se apropriem positivamente das narrativas, tantas vezes contadas e recontadas por esses praticantes culturais, a fim de comporem seus próprios quadros de referências; processo que, inevitavelmente, vai transformar e transformar o outro.

Com o tempo, ao longo dos processos produtivos, o impacto na mudança de rotina desses indivíduos é sentido: novos sonhos, novos projetos, novas ambições se afloram, especialmente quando Vik, por seu trabalho no Aterro, garante uma vaga para uma de suas obras em um leilão de Londres, com grandes expectativas de retorno financeiro e social. Assim, o quadro *Retratos do Lixo*, feito com materiais reciclados, que reproduz a pintura feita em óleo sobre tela por Jacques-Louis David, retratando Jean-Paul Marat, revolucionário francês, assassinado em casa por Charlotte Corday, é exposto em uma galeria em Londres, e arrematado por 28 mil libras. Diante desse resultado, Tião, que posou como modelo para a composição do referido quadro, é tomado de grande alegria e emoção, como mostra sua fala, ao telefone com sua mãe: “[...] Valeu a pena tudo o que fiz até hoje [...]. Ninguém acreditava em mim [...]. Vendeu 100 mil reais! É como se eu fosse um *pop star*. Agora sou obra de arte!”

Presente no evento, pela primeira vez Tião tem contato direto com telas de pintores famosos, o que lhe proporciona novos conhecimentos e sensibilidade para o que representa a arte, na medida em que Vik lhe explica como o admirador da arte observa os quadros: de longe, para captar a imagem, a ideia; de perto, para ver os materiais, pois como bem mostra sua obra, a distância exclui o material humano, enquanto a proximidade o humaniza; de longe, sobressai o excesso de lixo; de perto, sua transformação em arte.

Essa aprendizagem também é compartilhada por seus companheiros de trabalho, envolvidos nas obras, ao serem convidados para uma exposição de Vik Muniz no Museu de Arte Moderna do Rio de Janeiro. A valorização dos saberes, fazeres e dizeres de cada um, expressa nas obras expostas e nas entrevistas concedidas por esses atores, é motivo de orgulho dessas pessoas. Como bem disse Augusto Boal, “todos os seres humanos são atores – porque atuam – e espectadores – porque observam – somos todos espect-atores” (O FUNDADOR..., 2009). Assim, suas vozes estão em permanente movimentação, reverberando o vai e vem do corpo coletivo, das perguntas formuladas, dos caminhos percorridos, das experiências vivenciadas, como se constata nas falas a seguir:

Leide (irmã): [...] Você hoje é arte! [...]. A gente se põe muito pequena. E as pessoas lá fora acham a gente tão grande, tão bonita!

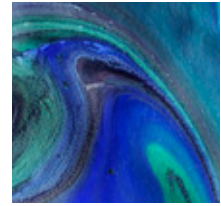
Magna: [...] Você não tem noção! Eu tinha vergonha de falar que trabalhava no lixão. Depois que comecei a trabalhar com Vik, conto pra todo mundo.

Zumbi: [...] Olha o pai, filhote, que bonito!

Com o retorno financeiro obtido com a venda das reproduções de “Retratos do Lixo”, a ACAMJG comprou um caminhão e inaugurou um centro de ensino, a fim de prover educação e treinamento. Todos os catadores envolvidos com essas produções mudaram suas vidas para melhor. Zumbi realizou seu sonho de montar uma biblioteca comunitária, com 15 computadores, e pretende visitar a África e explorar suas raízes; Magna arrumou emprego em uma farmácia, podendo, dessa forma, dar atenção ao seu filho; Isis casou, fez um curso, procurou emprego; embora tenha reencontrado seu marido e filha, não ficou com eles. Suelem deixou o lixão para cuidar dos filhos, sendo sustentada por seu pai. Valter morreu logo após ter conhecido Vik, porém, é lembrado por todos, com muito carinho. Sua frase, “99 não é 100” é sempre citada pelos catadores. Leide montou um pequeno negócio, e ajuda sua irmã a fazer salgadinhos, no entanto, com saudades dos colegas, voltou para o lixão, e participa da cooperativa.

O encerramento do lixão de Gramacho, em 2012, medida necessária devido aos riscos ao meio ambiente e à saúde da população, não foi acompanhado de políticas de revitalização do bairro, ou da ajuda para inserção dos catadores no mercado de trabalho; a falta de perspectiva tomou conta do lugar. Hoje em dia, diferentemente de quando Leide, orgulhosa e, magistralmente, afirmou que ficou famosa no mundo, dentro do lixo, revelando uma das facetas do mundo globalizado, os refletores apontam para outras direções, dando a dimensão precisa das transformações ocorridas naquele espaço-tempo.

Sabe-se que, nesse contexto, não há vencedores nem vencidos. No entanto, o filme está aí para lembrar que não há inocentes. Não se pode desistir. É preciso analisar, discutir, não se deixar iludir, rememorar, ainda que isso inquiete e faça sofrer. Para recordar, é preciso imaginar; não há como dissociar o olhar do que olha; separar o que se vê daquilo em que se acredita; não



há como fugir da subjetividade. O que se pode fazer é olhar “entre”, olhar de forma reflexiva. E a arte está aí reavivando memórias; são corpos, parcelas da humanidade, cada vez mais visíveis, possibilitados pelas redes sociais, em um embate permanente com a grande mídia, no sentido de ocupar espaços de produção de informações.

Considerações finais

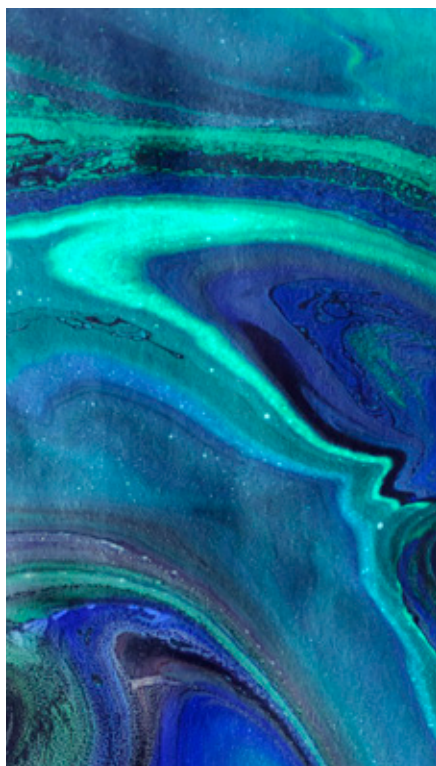
Ao longo de sua vida, o ser humano deixa marcas por onde passa. Uma delas é o lixo que se avoluma na natureza a cada dia. Toneladas de resíduos são produzidas diariamente, em volume bem superior do que o planeta pode suportar. Resíduos tóxicos descartados de modo inadequado provavelmente desembocam em aterros sanitários e provocam a poluição do solo, da qualidade do ar, da água, impactando a saúde humana e a qualidade ambiental. Para minimizar ou evitar esses problemas, as empresas promovem mudanças em suas cadeias produtivas, adotando processos logísticos reversos, por meio de parcerias com o poder público, tendo em vista a reciclagem e o reaproveitamento de seus produtos, com vistas ao desenvolvimento sustentável.

Tendo em vista a escassez dos recursos naturais não renováveis e a falta de espaço para acondicionar tanto lixo, torna-se inevitável o desenvolvimento de uma cultura de reciclagem para a manutenção da saúde do planeta e das pessoas. Nessa perspectiva, cada vez mais, artistas plásticos, com suas criações, atraem a atenção do público em geral, para a reutilização de materiais.

Pelas mãos do brasileiro Vik Muniz, em seu trabalho junto aos catadores e catadoras de resíduos sólidos no aterro Jardim Gramacho, o lixo vira obra de arte e transforma a vida de pessoas humildes em seus cotidianos.

A crueza e a beleza presentes nesse documentário deixam transparentes que o problema do lixo vai além da coleta seletiva e da educação ambiental, questões privilegiadas no currículo escolar oficial. Apontam para a necessidade de um planejamento que estruture o saneamento básico, especialmente em áreas urbanas, definindo adequadamente os modos de coleta, transporte e disposição de resíduos sólidos, mas que também desnudem a desigualdade social, as condições precárias de moradia, trabalho e segurança, que negam dignidade ao homem e reduzem sua autoestima.

O documentário passa uma mensagem emocionante de transformação, e é um excelente recurso para explorar essas questões *dentrofora* da escola, integrando o saber científico a outros tipos de saberes nas múltiplas redes educativas que se articulam no viver cotidiano, e que imprimem suas marcas em discursos e ações. Nessa



perspectiva, é essencial o entendimento do currículo formal como limite a ser transposto para se tecer o conhecimento nos cotidianos escolares. O conformismo e a submissão ao poder instituído devem ser substituídos por uma reapropriação saudável do conhecimento, em uma reinvenção do cotidiano, a partir da valorização dos saberes prévios dos alunos e de fatos e acontecimentos que invadem vidas, sem pedir licença.

Como bem mostra esse filme, é possível realizar uma ação política por meio da arte que, por si só, já é educativa. Esse inter-relacionamento possibilita abordá-la não como algo inflexível, extremamente analítico, que pretende escolarizar a arte como se ela pudesse ser entendida apenas como fórmula matemática. O alinhamento política/estética pressupõe um corpo coletivo, em movimento e transformação contínuos, que se nutre da escuta ativa da arte, mediante diálogo e questionamentos crescentes, que vão, gradativamente, agregando outros corpos e visões. Além dos benefícios financeiros auferidos com esse projeto, o aprendizado se revelou não somente nos catadores, mas também em Vik, dada sua implicação com aquele ambiente. Ao intervir no lixão de Jardim Gramacho, Vik põe “em suspense” aquele cotidiano, desconstruindo sua rotina, agindo nos espaços de sutilezas, em contraponto à violência e ao anacronismo a que a cidade o submete.

Apesar do sucesso da obra, o que se presencia atualmente é que esses trabalhadores foram relegados à própria sorte, devido ao encerramento das atividades de disposição final dos resíduos, o qual foi feito sem o planejamento técnico necessário a essa situação. Sem a matéria-prima, fonte de sua renda, e a ajuda do poder público, acentuam-se problemas socioeconômicos, tanto para os catadores como para a economia local, o que deixa transparente a ineficiência da gestão dos resíduos. Com efeito, esse documentário denuncia a falta de conscientização dos governos, das empresas e da sociedade em geral da importância dos processos logísticos reversos, em particular, da reciclagem, para o meio ambiente, para o crescimento da economia do país e para o aumento da qualidade de vida da população.



Notas

¹ O uso de termos articulados como esse é grafado na tentativa de indicar os limites que as dicotomias do pensamento da modernidade criaram/criam ao desenvolvimento das pesquisas nos/dos/com os cotidianos (ALVES, 2012).

² The use of articulated terms as it is written in an attempt to indicate the limits that the thought dichotomies of modernity created/create to the development of people in/from/with everyday (ALVES, 2012).

³ El uso de términos articulados como este está deletreado en un intento de indicar los límites que las dicotomías del pensamiento de la modernidad crearon/crean para el desarrollo de personas en/de los/con los cotidianos (ALVES, 2012).

⁴ “[...] parte da cadeia de suprimentos que planeja, opera e controla o fluxo e as informações logísticas correspondentes ao retorno dos bens de pós-venda e de pós-consumo ao ciclo de negócios ou ao ciclo produtivo, por meio dos canais de distribuição reversos, agregando-lhes valor de diversas naturezas: econômico, ecológico, legal, logístico, de imagem corporativa, entre outros” (LEITE, 2003, p. 16).

⁵ Ver Programa Cultura é Currículo (2012).

Referências

ALVES, Nilda. Decifrando o pergaminho: os cotidianos das escolas nas lógicas das redes cotidianas. In: OLIVEIRA, Inês B.; ALVES, Nilda (Org.). **Pesquisa nos/dos/com os cotidianos das escolas**. Petrópolis: DP&A, 2008. p. 15-38.

ALVES, Nilda; BERINO, Aristóteles; SOARES, Conceição. Como e até onde é possível pensar diferente: micropolíticas de currículos, poéticas, cotidianos e escolas. **Revista Teias**, Rio de Janeiro, v. 13, n. 27, p. 49-66, jan./abr. 2012.

BRASIL. Decreto nº 7.404, de 23 de dezembro de 2010. Regulamenta a Lei nº 12.305, de 2 de agosto de 2010, que institui a Política Nacional de Resíduos Sólidos, cria o Comitê Interministerial da Política Nacional de Resíduos Sólidos e o Comitê Orientador para a Implantação dos Sistemas de Logística Reversa, e dá outras providências. **Diário Oficial da União**, Brasília, DF, 24 dez. 2010. Seção Extra.

CERTEAU, Michael de. **A invenção do cotidiano: artes de fazer**. Petrópolis: Vozes, 1996.

COUNCIL OF SUPPLY CHAIN MANAGEMENT PROFESSIONAL. **Definição de gestão da logística**. Lombard, 2006. Disponível em: <<https://cscmp.org/about-us/supply-chain-management-definitions>>. Acesso em: fev. 2015.

DIDI-HUBERMAN. Georges. **Sobrevivência dos vaga-lumes**. Trad. Vera Casa Nova e Márcia Arbex. Belo Horizonte: UFMG, 2011.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia da autonomia: saberes necessários à prática educativa**. 12. ed.. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1999.

O FUNDADOR do Teatro dos Oprimidos partiu. [Blog] Idade Maior, 2009. Disponível em: <<http://www.idademaior.com.br/vida-memoria-2-maio.html>>. Acesso em: nov. 2013.

JOSSO, Marie-Christine. **Experiências de vida e formação**. São Paulo: Cortez, 2004.

LARROSA BONDÍA, Jorge. Notas sobre a experiência e o saber de experiência. **Revista Brasileira de Educação**, São Paulo, n. 19, p. 20-28, jan./abr. 2002. Disponível em <<http://www.redalyc.org/articulo.oa?id=27501903>>. Acesso em: 5 ago. 2013.

LEITE, Paulo Roberto. **Logística reversa: meio ambiente e competitividade**. São Paulo: Prentice-Hall, 2003.

MATURANA, Humberto R.; VARELA, Francisco G. **A árvore do conhecimento: as bases biológicas do entendimento humano**. Campinas: Editorial Psy II, 1995.

MORIN, Edgar. **A cabeça bem-feita: repensar a reforma, reformar o pensamento**. 8. ed. Tradução Eloá Jacobina. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2003.

NOVAES, Antônio Galvão. **Logística e gerenciamento da cadeia de distribuição: estratégia, operação e avaliação**. 3. ed. Rio de Janeiro: Elsevier, 2007.

PROGRAMA CULTURA É CURRÍCULO. São Paulo: Secretaria de Educação do Estado, [2012]. Disponível em: <<http://culturaeducacao.fde.sp.gov.br/programa.aspx>>. Acesso em: dez. 2013.

SANTOS, Boaventura de Sousa. Para além do pensamento abissal: das linhas globais a uma ecologia de saberes. In: SANTOS, Boaventura de Souza; MENESES, Maria Paula. **Epistemologias do sul**. [S.l.]: Almedina, 2010. p. 31-83.

SCANAVACA JÚNIOR, Laerte. O lixo e a necessidade de reduzir, reutilizar, reciclar e repensar. **AgSolve**, 13 jan. 2012. Disponível em: <<http://www.bdpa.cnptia.embrapa.br/busca?b=pc&id=954441&biblioteca=vazio&busca=autoria:%22SCANAVACA%20J%-C3%9ANIOR,%20L.%22&qFacets=autoria:%22SCANAVACA%20J%-C3%9ANIOR,%20L.%22&sort=&paginacao=t&paginaAtual=1>>. Acesso em: 27 jul. 2013.



